

"A História
do
Espiritismo
em Jahu"



SOCIEDADE JAUENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS
Rua Lourenço Prado, 508 centro - cep 17201-000
Jau - S.P. - cnpj 05.427.831/0001-68
e-mail: sjee@ig.com.br

"História do Espiritismo em Jaú"

Foi Paulino de Oliveira Maciel quem levou a idéia para a cidade e em sua casa promoveu as primeiras reuniões - O "Verdade e Luz" foi o primeiro centro espírita, e teve como primeiro presidente o professor Caetano Lourenço de Camargo, que hoje dá o nome ao Instituto de Educação, por ter sido um dos mais notáveis professores primários da cidade.

O Espiritismo em Jaú

As primeiras atividades de que há notícias em Jaú em torno da doutrina de Allan Kardec foram dirigidas por Paulino de Oliveira Maciel e tiveram início por volta de 1904, com uma reunião que promoveu em sua própria residência.

Morava o saudoso jauense, nesse tempo, numa casa da Rua Edgar Ferraz, esquina da Rua Riachuelo, e aí de há muito recebia, consolava e atendia pessoas amigas ou desconhecidas que o procuravam em busca de minoração para sofrimentos físicos e morais.

A bondade que o caracterizava foi desde logo um fator de êxito para as reuniões, que se tornaram muito concorridas, contando-se entre os que a elas compareciam Joaquim Silache, Joaquim de Cerqueira César, Lindolpho Siqueira, Ostiano da Silva Maia, Bento Siqueira, José Musitano, Manoel Trigo e João de Camargo Penteado.

O Primeiro Centro

Levou alguns anos, porém, para que as atividades iniciais, frutificando nos seus objetivos, permitissem a organização do primeiro centro. Já consolidado o ambiente e dilatada a penetração da doutrina. Foi ele o "Verdade e Luz", que não tardou a instalar-se em prédio próprio, à rua General Isidoro, 453.

De setembro de 1909, época desse acontecimento, até 22 de junho de 1914, regeu-se este núcleo espírita apenas pelo sentido superior que imprimiam aos seus trabalhos aqueles que o integravam com a só preocupação de semear o pensamento doutrinário que haviam conscientemente abraçado. Era necessário, porém, dar forma ao corpo legal do centro, como entidade jurídica que, além do mais, dispunha já de um patrimônio material a ser preservado.

Surgiram como imposição do desenvolvimento da idéia e progresso de seu proselitismo, os estatutos sociais aprovados durante uma assembléia que elegeu também diretoria, constituída de Caetano Lourenço de Camargo, Maria e Gabriela Barbosa Acayaba, Antônio Cestari, Maria Castellini Milani, Vicentina Euza Camargo, Margarida Ferrari, Rosa Brunati, Olímpia Bueno de Camargo, Olívia Acayaba, Amália Poletto, Alzira Acayaba, Abel Pereira de Macedo, Braz Miraglia, Antônio Diniz da Costa Guimarães e Tolentino Miraglia. O registro desses estatutos teve lugar em 18 de Março de 1915.

Os Presidentes

Com o falecimento de Caetano Lourenço de Camargo o mestre exemplar que ensinou várias gerações, e cujo nome se inscreve hoje, luminosamente, no nosso Instituto de Educação, a presidência do Centro "Verdade e Luz" passou

ao Sr. Braz Miraglia, depois a José Bruneti e, sucessivamente, a Joaquim de Cerqueira César e Atílio Pisa, sendo transferida ao Sr. Júlio de Matos, que a conserva desde 1932 até o presente.

Albergue noturno

Manteve o Centro "Verdade e Luz", durante seis anos, o Albergue Noturno, sempre muito movimentado.

"Traços biográficos de Caetano Lourenço de Camargo"

Nasceu a 7 de agosto de 1.863, na capital de nosso Estado, nas proximidades do Largo do Piques, na antiga Rua da Palha, hoje tão belamente transformada com as reformas, depois da abertura da Avenida Anhangabaú.

Seus pais foram o Sr. José de Camargo e a exma. Sra. D. Clara Maria de Jesus, ambos brasileiros.

Gênio ativo, arrebatado, não se dobrava diante de ameaças. Desde a infância manifestava tendência para o estudo e na família era apelidado de "doutorzinho".

Aconteceu, porém que ficando órfão de pai, logo na infância, e sem recursos econômicos para estudar, foi internado por sua veneranda mãe no Instituto dos Artífices, onde fez curso brilhante, obtendo as melhores notas, principalmente em música e ginástica, tendo por isso recebido medalhas de honra, que lhe foram conferidas pelo Imperador do Brasil, por ocasião de uma de suas visitas às casas de ensino, quando em São Paulo, medalhas essas que constituem verdadeiras relíquias de família.

Ao deixar o Instituto dos Artífices, quando já moço, cheio de esperanças, de arrebatamento e altivez de carácter, dedicou-se ao trabalho, sem desprezar os proventos resultantes de sua preparação musical, chegando a ser o primeiro tenor da antiga Sé de São Paulo, no tempo do Reverendo Padre Chico.

E nas horas vagas, em vez de se entregar ao descanso, às folias, às diversões tão apreciadas pelos rapazes de todos os tempos, estudava e fazia esforço hercúleo, a fim de se preparar para a matrícula na Escola Normal, que constituía seu alcandorado sonho.

Depois de nela estar matriculado e haver iniciado o curso com brilhantismo, aconteceu que, em virtude de uma fortuita desavença com o professor Silva Jardim, de tão saudosa memória, e também de temperamento ativo e sobranceiro, abandonou os bancos da Escola Normal antes de terminar seus estudos.

Então, afim de não se desviar da carreira vocacional para a qual tinha iniciado seu preparo, prestou exames vagos perante banca examinadora na mesma escola para poder ingressar no magistério como professor intermédio.

Ocorre-lhe, então, um fator inesperado que o impede de continuar vivendo na capital de nosso Estado, que mesmo naquele tempo, relativamente, já era uma encantadora cidade; o jovem professor, que ia principiar sua trabalhosa carreira no magistério, fora acometido duma bronquite asmática bastante rebelde e, a conselho de seu ilustrado médico e grande amigo, Dr. Caetano de Campos, o admirável paladino da causa da instrução pública de São Paulo, teve necessidade de abalar-se para o interior do Estado em busca de uma localidade cujo clima ameno e seco lhe fosse mais propício.

E Jaú, então, foi a cidade preferida para a qual obtivera do Governo do Estado a sua nomeação, vindo logo assumir o cargo de professor da primeira Escola Primária Masculina, da referida cidade, que por muito tempo se achava instalada a Câmara Municipal.

Alunos não lhe faltaram.

A inauguração dos trabalhos de sua escola foi um sucesso inaudito.

O professor Caetano ficou logo conhecido de todos e ainda mais porque, como bom músico que era, não deixava de aparecer regularmente nas festas religiosas celebradas na antiga matriz de Jaú, onde a sua figura, no coro, tomando parte da orquestra, tinha grande realce e chamava a atenção de todos.

De família tradicionalmente católica, o professor Caetano era conhecido e estimado de todos os vigários da paróquia, constituindo-se elemento indispensável na organização dos números de musica sacra por ocasião das tradicionais festas da Semana Santa, do Divino Espírito Santo e outras.

O professor Caetano de Camargo entrou com pé direito em Jaú, ainda no tempo dos trólis, dos carros de bois e dos bangüês, porque chegou antes da libertação dos escravos e da proclamação da Republica. Ele viu e ajudou aquela cidade a crescer, a progredir, enfim ser o que hoje é.

Não enriqueceu, e apesar de ter vivido e trabalhado modestamente, com economia, sem ostentação de luxo e de grandezas, mas sim cheio de prestígio e de merecimento, de bênçãos e de glória pelo que realizou pelo que deixou como vestígio de sua passagem pela terra, fazendo jus à gratidão dos jauenses.

Dada a sua atuação social no meio em que viveu e ao seu aprumo como cidadão, não se manteve celibatário por muito tempo.

E assim, como era natural, entre as nossas gentis conterrâneas daquele tempo, havia a jovem prof. Porfíria Elisa F. de Lacerda, normalista recém-formada, pela qual se apaixonou, e, não podendo resistir aos seus encantos, com ela se casara, constituindo família.

Como boa professora normalista, que era, a jovem esposa tornou-se sua aliada na luta pela causa de disseminação do ensino em Jaú na primeira Escola Estadual Feminina, para a qual obtivera nomeação.

Desse feliz enlace matrimonial, resultou o nascimento de cinco filhos; quase todos, com o tempo, depois de devidamente preparados, tornaram-se outros colaboradores da mesma obra, como por exemplo: D. Vicentina Elisa de Camargo, que exerceu por alguns anos o magistério particular em Jaú, na qualidade de diretora do "Externato Progresso", em cujo posto de trabalho e de luta faleceu em 1918; D. Celina Cecília de Camargo Bassi, atualmente adjunta de Grupo Escolar Amadeu Amaral, na nossa capital; Dr. Sebastião Eugênio de Camargo, médico-cirurgião, professor da Escola de Belas Artes e da antiga Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo; D. Maria da Conceição de Camargo, professora particular.

Destes cinco, apenas uma filha, D. Maria Elisa de Camargo Bourdot não se iniciou no magistério.

Mais tarde as duas únicas escolas estaduais primárias de Jaú, a masculina e a feminina, passaram a funcionar, em prédio próprio, mandado construir com todos os requisitos indispensáveis pelo prof. Caetano Lourenço de Camargo, prédio esse em que hoje se acham convenientemente instalados o Colégio e Escola Técnica de Comércio "Horacio Berlink".

A 13 de março de 1900, com a morte da esposa, a vida do prof. Caetano de Camargo, de dedicação ao trabalho pela causa da instrução dos filhos de Jaú, sofreu um colapso que o desorientou, consternando-o, transformando completamente sua vida e sua fé, convertendo-o ao espiritismo, cuja doutrina lhe serviu de bálsamo aos sofrimentos da alma, amenizando-lhe as agruras inconsoláveis da existência.

Aí, então, assina-se-lhe uma nova fase em sua maneira de ser, em sua vida, tornando-se espírita tão sincero e convicto, que fazia praça de a nova fé religiosa em toda à parte.

E apesar das hostilidades da opinião pública e mesmo de alguma perseguição política sofrida por esse motivo, o prof. Caetano Lourenço de Camargo persistiu, lutando e vencendo todos os obstáculos.

E assim, além se seus atos de benevolência para como os desvalidos da sorte, foi um dos fundadores do Asilo dos Inválidos de Jaú, que é um atestado irrefutável de seus sentimentos de filantropia e de humildade.

Depois, passado algum tempo, em 1903, casou-se em segundas núpcias, com D. Filomena Ribas de Ávila, com a qual teve mais alguns filhos, os quais, todavia, não seguiram a carreira do magistério.

O Professor Caetano de Camargo, que foi um dos pioneiros mais destacados do ensino primário de Jaú, deixou-nos uma folha de serviços de 34 anos de dedicação e de esforços pela causa do ensino, tendo em 1917 conseguido sua aposentadoria, sem ter aproveitado um mês sequer das regalias

dessa concessão legal, porque logo após deixou esse mundo, legando à posteridade o seu fecundo e admirável exemplo de dedicação, de trabalho e de esforços pela causa da instrução da qual foi abnegado apóstolo.

Obs. - Transcrito do livro "Pioneiro do Magistério" (de João Penteado).

Obs.2- Faleceu a 19/04/1917 e está sepultado no cemitério de Jaú, 1ª Quadra, à direita de quem entra pelo portão principal.

Caetano Lourenço de Camargo

7 de agosto de 1863 foi a data de nascimento do mestre-escola Caetano Lourenço de Camargo. Figura de relevo na história jauense tornou-se praxe, neste dia, anualmente, rememorar sua memória, não só porque foi um verdadeiro homem de bem, mas também por haver-se destacado como um dos pioneiros do ensino na região e, sem dúvida, por ter sido alvo de injustiças a certo tempo de sua existência, mas que a posteridade reparou perpetuando-lhe o nome num importante estabelecimento de ensino médio local. Sua vida, realmente, ilibada e exemplar, foi sempre pautada dentro dos mais rígidos princípios críticos e, por isso, grangeou numeroso círculo de amizades nas diversas categorias sociais.

Aliás, certos aspectos de sua biografia já são muito conhecidos das gerações atuais, pois as notícias divulgadas, ao ensejo da efeméride, reiteram, em geral, as informações de seu antigo aluno João Penteado, escritor e educador, de quem foi companheiro fraterno e cuja amizade se intensificou porque ambos, contemporaneamente, se tornaram espíritas. Segundo o Sr. Júlio de Mattos, o mais antigo Kardecista de Jaú.

A sua iniciação no Espiritismo, no recuado início do século, numa cidade arraigada e tradicionalmente conservadora, sedimentada mais em princípios teológicos e formulas ritualistas que em bases evangélicas, escandalizou a sociedade local e, conseqüentemente, provocou o esvaziamento de sua escola noturna, destinada à clientela particular. Os pais de alunos, romanos sinceros, mas dogmáticos, mais nominais que praticantes, não queriam saber que seus filhos se educassem sob o patrocínio de um mestre-escola com "ligações diabólicas" ou enleado nas tramas de uma perigosa psicopatia. Este acontecimento desapontou-o sobremaneira, abalando a sua tranqüilidade; mas era tanta a sua fé na nova doutrina (esclarecida e não cega), que o impacto não lhe descorçou os ânimos. Antes, o estimularam a o fortaleceram, permitindo-lhe continuar firme no magistério. Com efeito, passada à refrega, os alunos lhe voltaram em abundância, e o mestre-escola foi obrigado a desdobrar as salas de aula de sua escola.

Refeito da crise, colocou mãos à obra e instalou um Centro Espírita, legalizando-o nas repartições competentes. De fato, se Paulino Maciel foi o introdutor do Espiritismo em Jaú, Caetano de Camargo foi o implantador oficial da doutrina, entre nós, naqueles tempos, ridícula e desabonadora ao juízo vulgar. Primitivamente, realizava as sessões num barracão, nos fundos da antiga Academia de Comércio "Horário Berlink". Mais tarde, com um grupo de espíritas convictos, alugou um prédio onde ainda hoje funciona o Centro Espírita "Verdade e Luz". Adaptou, adequadamente, derrubando paredes e, assim obteve um salão à altura da necessidade.

Não satisfeito com a assistência espiritual aos necessitados, aluga outro prédio nas proximidades do Centro, e funda um albergue a fim de ali recolher obsidiados e outros enfermos ou desamparados. Embora a luta fosse dura, obteve êxito na tarefa, restabelecendo a saúde a muitos doentes e matando a fome a muitos famintos. Após a sua morte, sua filha toma a presidência do templo que, logo a seguir, é entregue a Braz Miraglia. Este novo presidente não se compadecia com a contingência de um prédio alugado. Com as economias deixadas por Caetano, aliadas às que conseguiu, em memorável multirão, adquire o prédio por doze contos de reis.

Eis, em rápido resumo, alguns traços pouco conhecidos da biografia de Caetano Lourenço de Camargo, o mestre-escola que, depois de ter

participado do coro da Matriz do Patrocínio, fundou o primeiro Centro Espírita registrado de Jaú, e para onde levou seu pequeno órgão a fim de preparar o ambiente para as sessões práticas e evangélicas. Outras faces de sua existência podiam ser recordadas, mas como o espaço é limitado, fica a complementação para outra oportunidade.

Murilo de Almeida Prado (IN MEMORIAN)

"Paulino de Oliveira Maciel"

Cidadão emérito, espírita e homeopata.

Na encantadora região de excelente clima, como se fosse Campos de Jordão está situado a cidadezinha de Areias, no Estado de São Paulo. Ali nasceu Paulino de Oliveira Maciel, dia 25 de dezembro de 1847, filho de José de Oliveira Maciel e Maria de Oliveira Maciel, pobres agricultores, simpáticos, humildes com vida simples e honesta. Ali fez seu curso primário para poder continuar, não nos bancos escolares, mas na lavoura ajudando seus irmãos na rude tarefa.

Aos 18 anos sonhou com aventuras, desejava conhecer novas terras, lugares diferentes. Com o aval dos pais despediu-se de todos e partiu para uma caminhada, ora em carros de bois ou carroças e na maioria sempre a pé. Dormia em ranchos de tropeiros, comia do arroz com feijão dos viajantes e tinha sempre no coração o sonho de ser feliz. Sua meta era Jaú, cidade distante que alcançaria em dois meses. Em setembro de 1867, Paulino pisava o solo jauense, onde foi muito bem recebido principalmente por ser uma pessoa muito inteligente, simpática e capaz de entreter seus conhecidos e amigos com anedotas e músicas tiradas do seu violão. Tal era sua capacidade intelectual e sua educação que logo foi convidado para participar da vida pública de Jaú, sendo nomeado Escrivão de Paz. Relutou em aceitar, mas dada à insistência dos seus amigos assumiu o importante cargo. Ganhando posição social passou a freqüentar reuniões sociais, na maioria das vezes estafado pelo seu trabalho sem descanso. Numa dessas reuniões conheceu Fortunata, moça prendada, da qual se enamorou, ficaram noivos e se casaram.

Como guarda-livros de várias firmas, juntou algumas economias e comprou um sítiozinho pouco distante da cidade. Ali passava temporadas de repouso ao mesmo tempo em que atendia seus clientes, servindo-lhes de médico, receitando e fornecendo gratuitamente medicamentos homeopáticos, cuja terapêutica era bastante entendido, tendo mesmo realizado curas admiráveis, sem outro interesse que não fosse o de bem servir seus semelhantes. Sua fama crescia, seu trabalho redobrava e seu coração de ouro lhe dava muita felicidade em poder servir. Mas, viver na roça e na cidade alternadamente, não estava dando certo. Mudou-se para a cidade onde poderia melhor atender seus pacientes, deixando de uma vez o sítio, vendendo-o. A enorme multidão que acreditava na cura pela homeopatia e os resultados positivos alcançados deram-lhe credenciais para ser convidado por rico capitalista para montar um estabelecimento comercial. Aceitou e se estabeleceram na rua Major Prado, melhorando muito sua situação financeira. Tal empreitada durou dois anos, ficando sozinho com a firma.

Com quarenta anos de idade, continuou, no trabalho, atendendo a todos gratuitamente, ricos e pobres, com alta capacidade e altruísmo. Nome feito.

Importante como cidadão, como homeopata e alta capacidade técnica, foi convidado para ser candidato a vereador. Aceitou. Foi eleito sem nenhuma propaganda e dispêndio de dinheiro. O seu pensamento, como sempre foi, estava voltado para o bem estar do povo, principalmente dos pobres. Fazia parte da sua formação espírita, da sua origem e do seu carácter.

Pretendia-se, nessa época, montar uma Santa Casa. Mas, como fariam os que assim desejavam? Pensaram logo no prestígio do Paulino. Dito e feito, lá foi o vereador falar com a Sra. Fabiana, dona de algumas terras. Diante do argumento apresentado por Maciel, a veneranda senhora cedeu por doação a sua grande chácara denominada "José Pereira". Ótima conquista, grande sucesso!

Como vereador, foi nomeado Intendente Municipal, cargo que correspondia ao de Prefeito Municipal, em 1895, justamente quando a febre amarela tomava conta das cidades vizinhas, ameaçando Jaú, bem protegida pelos cuidados de Paulino, graças aos seus conhecimentos e ajuda do Dr. Emílio Ribas, diretor do Serviço Sanitário Estadual. Mas, a sorte foi adversa. Um soldado vindo do Rio de Janeiro e portador da doença alojou-se no quartel da polícia, no prédio do Fórum e Câmara Municipal, contaminando os demais, e com facilidade muita gente, porque estava bem no centro da cidade. As ruas estavam desertas, o povo fugia para lugares mais seguros. Os primeiros a serem contaminados foram dois cidadãos ilustres, o major Alberto Barbosa e Braz Miraglia. Não sucumbiram à doença.

Paulino Maciel, homem destinado a trabalhar pelo povo, não fugiu à luta. Sem preconceitos ou temor, fazia suas vistas aos enfermos, levava seus remédios homeopáticos, percorria os hospitais e se tornou um gigante, embora seu porte fosse de pequena estatura. Socorria a todos, sem exceção até que o mal foi se debelando. A cidade voltava ao seu ritmo de trabalho. Os que retornavam iam logo cumprimentar o grande Paulino pelo seu destemido trabalho. Um espiritualista valoroso.

Paulino deixava a Intendência Municipal, posto que soube honrar. A sua missão no cargo foi cumprida com modéstia e retidão de carácter. Mas, a sorte mais uma vez não lhe sorriu. Perdeu sua esposa e companheira espiritual. Abatido, mas não desanimado, prosseguiu na luta. Anos mais tarde conheceu Maria Maciel com a qual se casou. Veneranda senhora, também espírita, serviu-lhe de companheira incontestada, bem como suas filhas do primeiro casamento.

Paulino estava novamente pobre. Pela segunda vez foi nomeado Escrivão de Paz, como fora em 1868. Espírita convicto, conhecedor profundo da homeopatia, era procurado por centenas de pessoas que chegavam com vidrinhos limpos e bem lavados, com tampas feitas de palha de milho para levar seus remédios homeopáticos que com grande capacidade aviava e doava aos pacientes. Recebia um "Deus lhe pague".

No seu Cartório, duas vezes por semana reuniam-se os membros do Centro Espírita União, Paz e Caridade. Sob sua presidência realizavam sessões espíritas, atendiam pedidos da população e, particularmente cedia livros da sua biblioteca particular aos leitores ávidos em conhecer a doutrinas espíritas, principalmente Kardec. Do Centro faziam parte os senhores Manoel Paranhos, Damásio de Oliveira, José Condes, Antonio Bartelotti, João Penteado, Domingos Laprega, José Munitano, Bento de Siqueira e muitos outros.

Numa reviravolta sem explicações aparentes, Paulino Maciel deixou o cargo de escrivão, voltou a ser lavrador comprando um pequeno sítio pertinho da cidade, mudando-se para lá com sua família. Mais uma vez foi infeliz. Falta de chuva, seca prolongada, epidemia de peste acabou com seus muares, aves e vacas leiteiras. O que lhe sobrou foi sua coragem. Perdeu tudo de material. Mudou-se para a cidade, foi ser servente do Grupo Escolar "Pádua Salles", onde era Diretor o prof. Túlio Espíndola de Castro que se tornou seu grande amigo, respeitando-o como cidadão emérito e por grandes serviços prestados à comunidade. Igual trato recebeu de professores e alunos.

Sua missão na terra estava cumprida. Faleceu aos 78 anos de idade, dia 9 de dezembro de 1925, cercado de amigos e admiradores. Jaú reverencia Paulino com o seu nome em uma de suas vias públicas. Grande cidadão, brasileiro emérito.

Oswaldo Brandão Tóffano